

Lembrando Richard Feynman em Portugal

Mário J. Pinheiro¹

¹ Departamento de Física, Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa

Conheci o Richard Feynman em 1981, em Lisboa, quando eu era ainda um jovem estudante de Física em Paris. Ele era então um vencedor do Prémio Nobel e um famoso homem de ciência. Naquele tempo não havia a Web, o acesso à informação era bem mais limitado do que nos dias de hoje e naturalmente eu não tinha ideia a mínima ideia da sua aparência, apenas queria conhecê-lo, ter uma ideia concreta do que era uma lenda viva da ciência, do que era um génio. Hoje em dia é possível que a atração pela Física não seja tão pronunciada nas nossas sociedades pós-modernas como era naqueles tempos, talvez, julgo eu, por uma certa indefinição no papel do cientista na incerteza dos tempos atuais. Mas no século passado, por assim dizer, estudar Física, ser um Físico, era algo de verdadeiramente extraordinário. Então passei literalmente durante todo o dia à sua procura durante a Conferência Internacional sobre Física de Altas Energias, que decorreu em Lisboa de 9 a 15 de julho daquele ano. Como eu não sabia como encontrá-lo, aproximei-me e perguntei a Gerhard t'Hooft, que na época ainda não era Prémio Nobel, se sabia onde se encontrava o Feynman. Surpreso com a minha pergunta, t'Hooft respondeu, "Ele passou por mim faz alguns momentos".

Prosseguindo na minha procura por Feynman, notei um homem de aparência relaxada sentado numa cadeira próxima, olhando para mim com uma expressão engraçada no seu rosto. Eu imaginava-me na altura um jovem e solene homem de ciência (!), e naturalmente eu não gostei nada daquela atitude, mostrando a esse sujeito o meu descontentamento com um olhar de desaprovação. Vamos lá! Eu era um estudante sério procurando por Feynman! Mais tarde, perto do final da conferência, eu estava sentado no auditório ouvindo atentamente a palestra dada por t'Hooft quando o homem de olhar divertido se aproximou, sentando-se na mesma fileira de cadeiras. Mais uma vez abertamente, olhava descaradamente para mim. Eu estava tomando

notas com todo o cuidado, ansioso para ver e ouvir a última palestra do dia que seria dada por Feynman. Naturalmente, eu estava irritado com este descaramento! Finalmente, t'Hooft terminou a sua palestra e eu estava feliz porque tinha compreendido o significado da sua apresentação e estava ansiosamente antecipando a palestra que estava programada. Então o próximo orador apareceu no palco. E qual foi o meu espanto quando veio que era o sujeito que me exasperou! Afinal, era Feynman!...

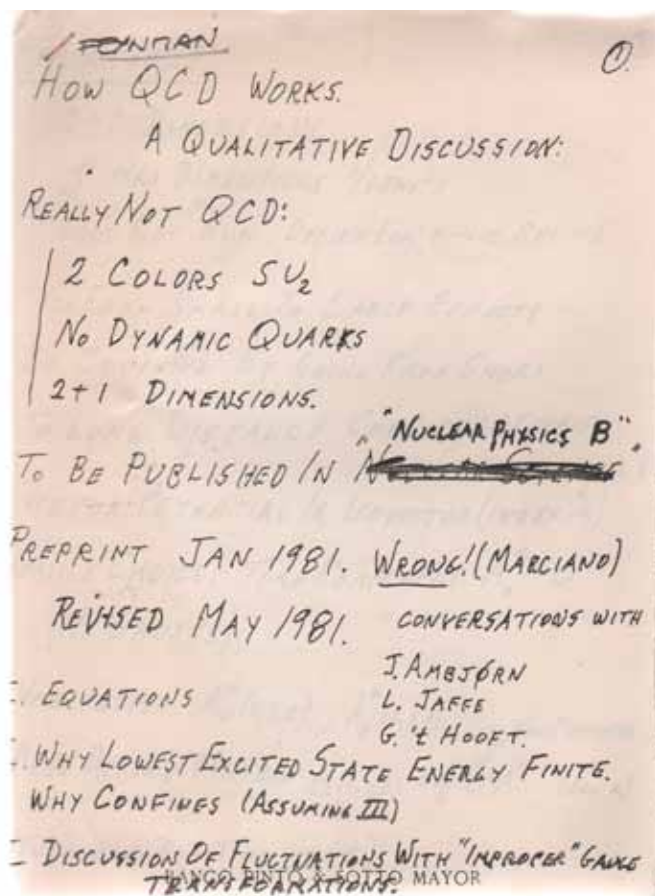


Fig. 1

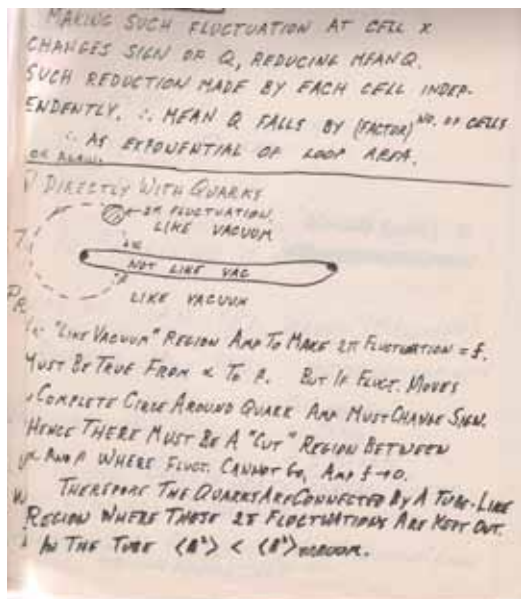


Fig. 2



Fig. 3

Ele deu uma descrição simples e clara de sua própria teoria da cromodinâmica quântica (Fig.1 e Fig.2) e ficou tão à vontade enquanto fazia a sua apresentação que, notando ele

para sair da Fundação Calouste Gulbenkian, onde todo o drama aconteceu, quando inesperadamente, vejo Feynman debruçado sobre uma mesa, apa-

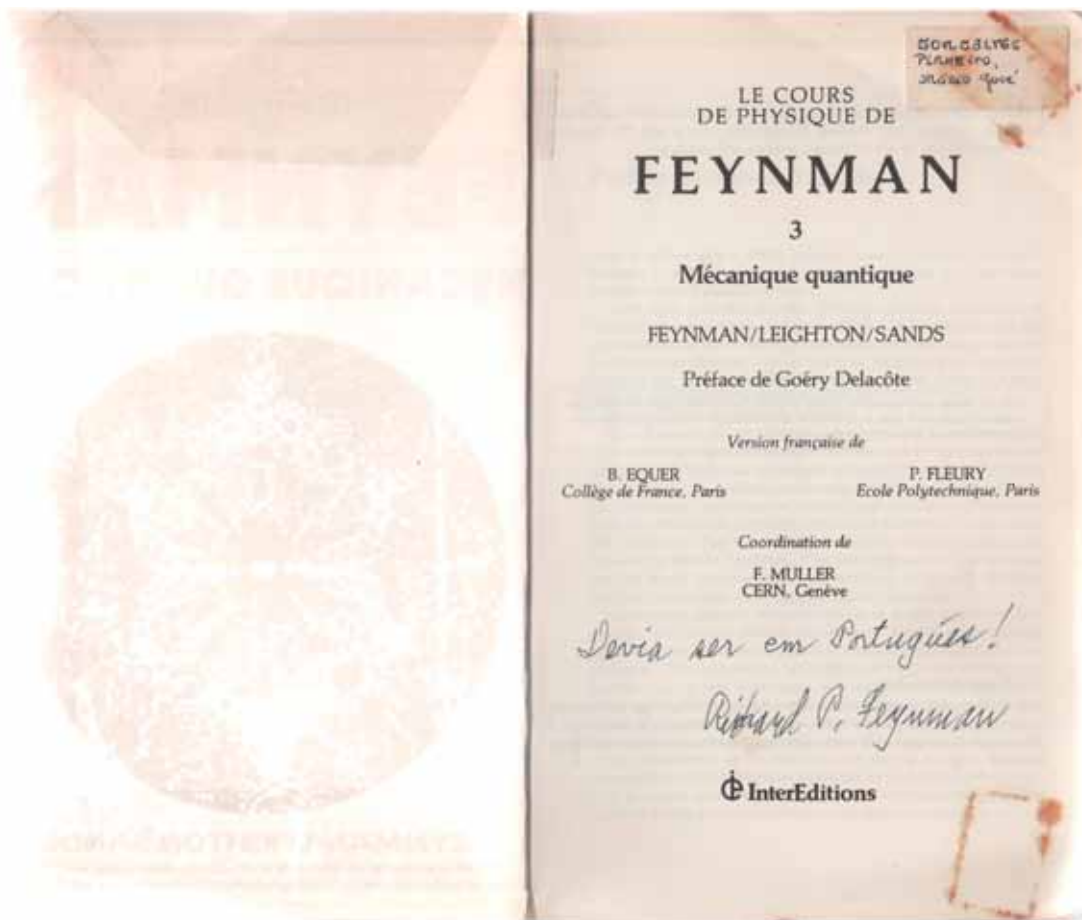


Fig. 4

que inadvertidamente tinha deixado o zíper da calça aberto, ele simplesmente fechou o fecho novamente enquanto continuava sem esforço a explicar as suas ideias geniais. No final do dia, desencorajado pela minha tentativa aventureira, mas mal-sucedida para falar com o Génio, me preparava

rentemente fazendo cálculos (ou desenho?). É bem conhecido que Feynman frequentava em Pasadena o Gianni's topless bar, com consentimento da sua mulher Gweneth. Depois de alguns (bons) momentos observando as dançarinas e bebendo 7-up,

Feynman começava o seu trabalho em teorias da física, ou preparava aulas (haverá alguém que o faça em Portugal?), ou, quem sabe, fazia as três coisas ao mesmo tempo (Fig.3).

Foi então que, evocando toda a minha coragem, fui decidido em sua direção e perguntei: “Você é o Sr. Richard P. Feynman?”. Devo dizer que na época, eu estava acostumado a usar a expressão geral *Messieurs*, como os franceses ainda usam hoje, não importa a posição social do indivíduo, uma consequência da Revolução Francesa e da maneira peculiar desse povo. Ele virou-se lentamente, com uma expressão divertidamente travessa, e respondeu: “Sim, sou eu.” Recordo-me de o observar de baixo para cima pois ele tinha um corpo bastante alto e bronzeado que me olhava diretamente nos olhos, com um brilho próprio. Eu perguntei se ele poderia escrever algo em uma página do livro que eu tinha comigo, um texto sobre mecânica quântica que ele tinha escrito (Fig. 1). Ele respondeu: “Claro, dê-me o seu livro”, e apontou a mão na direção da mala que eu carregava comigo. Ele olhou atentamente para o volume que lhe entreguei, uma tradução francesa dos seus famosos manuais pedagógicos, e, claramente descontente, diz-me (Fig.4): “Devia estar em português!”.

Aquela momentânea indignação transmitiu com beleza a sua convicção de que nós, em Portugal, deveríamos ter literatura científica na nossa própria língua. Seria uma condição essencial para se desenvolver verdadeiramente uma Escola de Física Portuguesa.

Ele então escreveu diretamente no frontispício (Fig. 4) com uma bela caligrafia que parece quase Vitoriana. Logo após me ter devolvido o livro, Feynman diz-me, “Eu vivi 30 anos no Brasil!”. Face à minha perplexidade, Feynman de imediato reconhece ter dito algo errado na sua frase e rapidamente pediu-me desculpas, justificando que às vezes ele confundia Português com Espanhol (na verdade, ele viveu cerca de três anos no Brasil). Com total à vontade, ele continuou caminhando comigo, até mesmo fazendo um gesto para eu esperar por ele enquanto ele dizia adeus a outro físico conhecido. Enquanto caminhávamos lentamente pelas escadas até a porta da saída, perguntei se poderia lhe enviar um artigo que eu havia escrito sobre entropia e ter a sua crítica (na verdade só consegui publicá-lo em 2013, veja a Ref. [1]). Ele imediatamente respondeu em tom assertivo: “Não, absolutamente não!”. Surpreendido e algo temeroso, eu perguntei, “Essa é a sua política?” (usando a palavra errada, porque eu realmente queria dizer “Policy”) “Não, nada de política!”, respondeu mais uma vez com tom autoritário, estacando o passo e olhando para mim com uma expressão severa no rosto. Ele então explicou-me que nunca olhava para o trabalho dos outros, a não ser que esse trabalho se concentrasse nos fundamentos, a não ser que fosse deveras importante;

caso contrário, ele não queria ser distraído e perder tempo. Eu compreendi. Ele falou um pouco mais comigo, abertamente e alegremente, enquanto nos encontrávamos no Hall de entrada da Fundação Calouste Gulbenkian. Até que ele se despediu de mim com um “Boa noite!”. E dali partiu, desaparecendo incógnito na movimentada cidade de Lisboa. Tive certamente a sorte de ter tido a oportunidade de descobrir algumas das características ocultas e autênticas da sua personalidade. Ele era um indivíduo divertido, uma pessoa naturalmente inteligente, mas humilde também - com muita paciência para jovens como eu. Ele desprezava claramente a arrogância e provavelmente evitava as pessoas por causa disso (eu vi-o sozinho a maior parte do tempo). Ali esteve Feynman: *off the beaten track!*

Referências

1. Pinheiro Mario J. Um Método Variacional em Sistemas Físicos Fora-de-Equilíbrio. Sci Rep. 2013 (3): 3454.



Mário J. Pinheiro, fez o doutoramento em Física no Instituto Superior Técnico em cooperação com a Universidade de Orsay-Paris XI. Obteve a Licenciatura na Universidade Blaise Pascal, Clermont-Ferrand, o Master degree na Universidade de Paris VII-Jussieu, e o “Diplome d’Etudes Approfondies” na Universidade de Orsay Paris-XI. Trabalha na área da física dos plasmas e propulsão electromagnética. É professor no Departamento de Física do Instituto Superior Técnico. Mantém um blog dedicado à compreensão da ciência pelo público: <https://science2be.wordpress.com/>